



USSUMANE SEIDI

**Licenciado em Economia pelo Instituto Superior da Economia e Gestão
Da Universidade Técnica de Lisboa**

GUINÉ-BISSAU

Objectivos Económicos da Declaração do Milénio inatingíveis

Passados alguns anos desde o estudo sobre a economia da **Guiné – Bissau e os Objectivos do Milénio** (ver CONTRIBUTO – Estudos/Pesquisa), cabe agora verificar o desempenho desta economia flagelada permanentemente por perturbações externas ao ciclo económico normal. O uso do indicador PIB (Produto Interno Bruto) é abrangente na medição da actividade económica dum país, na produção dos bens e serviços.

Na óptica da despesa é a soma dos valores monetários do consumo, do investimento bruto, das compras de bens e serviços pelo Estado e das exportações líquidas produzidos num país durante um ano. O PIB mede o pulsar duma economia, reflecte expansões e recessões ciclicamente. Por sua vez as expansões e recessões são provocadas pelos factores externos ou internos.

As teorias externas encontram a raiz do ciclo económico nas flutuações dos factores exteriores ao sistema económico; nas guerras, revoluções e eleições, nos preços de petróleo, migrações, nas descobertas científicas e inovações tecnológicas, etc.

Enquanto que as teorias internas consideram que são os mecanismos do interior do próprio sistema económico que dão origem aos ciclos económicos que se geram a si próprios. Todas expansões geram recessões e retracções e cada retracção gera o reforço e expansão numa cadeia quase regular, repetitiva.

A crise financeira que assistimos hoje, com início nos EUA e que está afectar todas economias a nível planetário, directa ou indirectamente, é o fim da expansão da economia americana dos anos noventa após a curta crise da guerra do golfo em 1990.

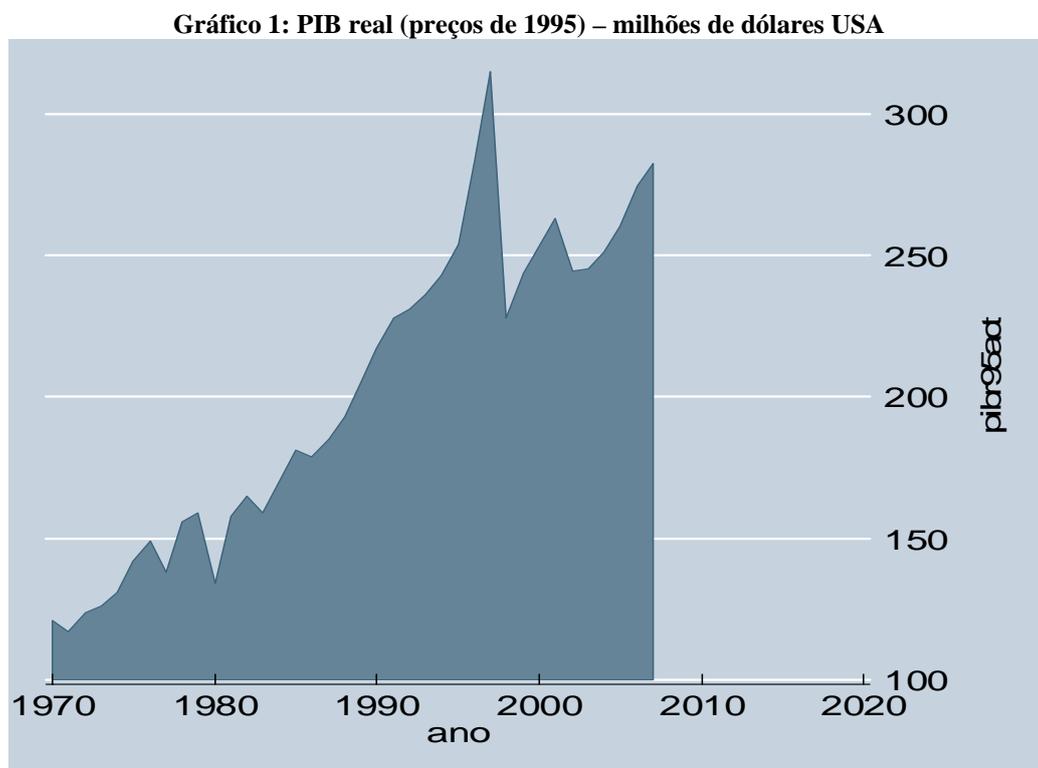
Daí o uso deste importante indicador económico também na determinação do nível de desenvolvimento dum país. Sem este indicador os decisores de política económica não teriam condições de implementarem políticas macroeconómicas importantes para crescimento económico dos seus países.

O conflito militar de 1998 na Guiné – Bissau teve repercussão grave no PIB deste país, uma taxa de crescimento negativo de 28% entre 1997 e 1998.

Verifiquei que a Guiné – Bissau é segunda economia com pior desempenho económico num só ano em toda África Sub – saariana registada na década de

noventa, logo a seguir ao Ruanda com uma queda de 50% em 1994, também por um conflito militar ou étnico, vulgarmente designado por genocídio de Ruanda. Quer num caso como noutro, nestas duas economias foram os factores externos que condicionaram as recessões verificadas e não factores endógenos do próprio sistema económico respectivos.

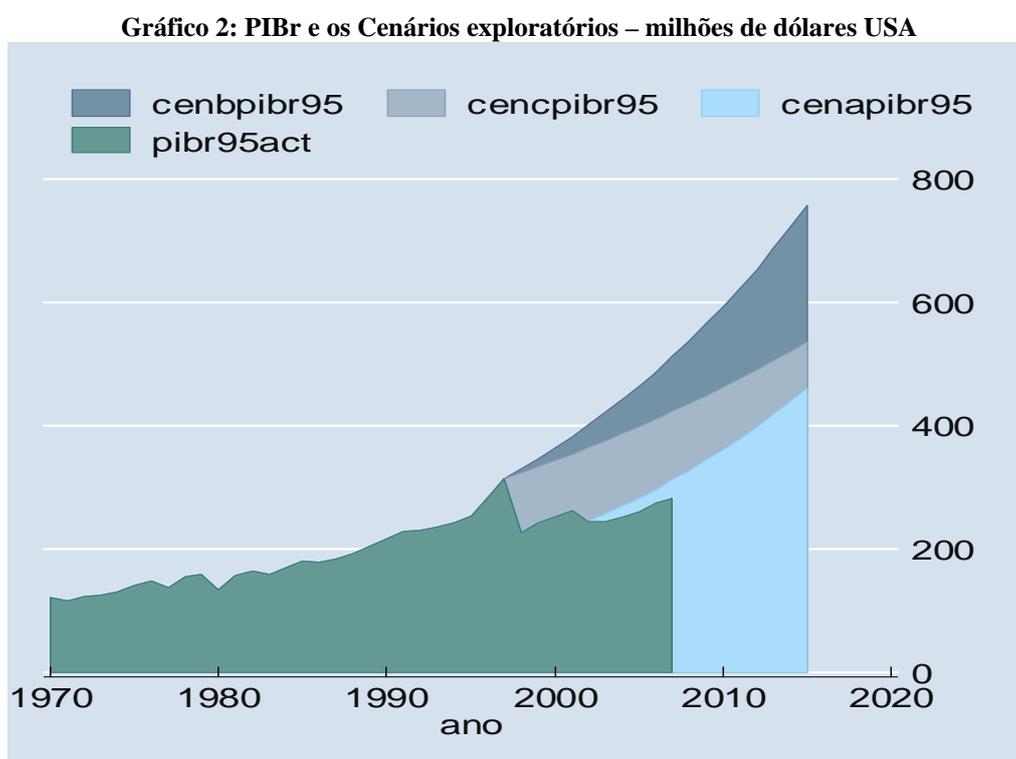
No referido estudo, a análise centrou-se nas series temporais (1970 – 2002) da publicação periódica do Banco Mundial. Novos dados estão disponíveis agora com series de 1970 – 2007, PIB real valorizado ao preço de 1990. Após efectuar alguns ajustes para manter o ano base de 1995, ano de referência de valorização do produto real do ora referido estudo, meus irmão e amigos, a situação não é animadora. Bem gostaria de com esta publicação evidenciar progressos, resultados promissores a caminho de 2015, não tenho números para tal demonstração.



No ano 2007 o Produto Interno Bruto real é de 282 milhões de dólares americano contra 314 milhões registados em 1997. Podemos concluir que:

- Passados dez anos o nível do PIB real de 97 não foi atingido.
- O volume de produção em 1997 é comparativamente superior ao que se produziu em 1998, 1999 até 2007.
- A actividade económica era mais intensa nos anos que antecederam a guerra de 98.

Também na minha análise de então esbocei alguns cenários exploratórios de curto prazo que vale a pena reavaliar face aos novos dados disponíveis.



O **pibr95act** é a evolução do PIB real efectivamente observado entre 1970 – 2007.

Os cenários B e C são aqueles em a economia retomava o percurso de 1997 rumo ao ano 2015. Repara-se nas trajectórias destes cenários não fosse um brusco declínio em 1998. Assim o Cenário B (**cenbpibr95**) com uma taxa de crescimento anual de 5% ano até 2015 a partir de 1997. Significava que de 2002 em diante a economia pudesse retomar o seu rumo de 97. Até porque tinha

previsto que a recuperação do nível de 97 seria alcançado passados 10 anos após o conflito militar de 1998.

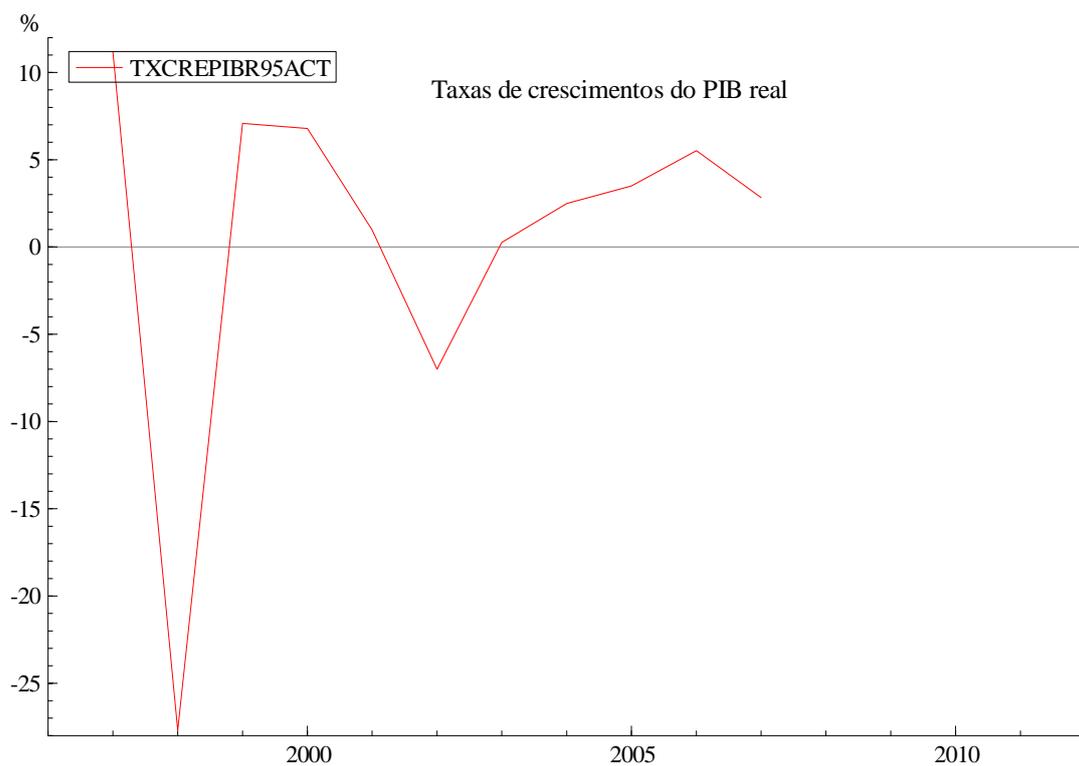
O cenário C (**cenpibr95**), a semelhança do Cenário B, a taxa de crescimento anual é de 3% ano.

Por fim o Cenário A (**cenapibr95**), o pior de todos os cenários, previa uma taxa de crescimento anual de 5% ano com início no ano 2002 (coberto pelo DENARP). Este cenário é aquele que no meu estudo previa pior resultado para o ano 2015 comparativamente aos cenários B e C como se vê no gráfico 2.

Os resultados hoje conhecidos ou melhor, dados do PIB até 2007 mostram que o crescimento económico foi abaixo do pior Cenário A (ver pibr95act gráfico 2).

A actividade económica na Guiné-Bissau foi marcada por constantes retrocessos como se pode ver nas taxas de crescimentos do PIB real.

Gráfico 3



- A economia cresceu aproximadamente 3% em media entre 2003 e 2007
- A taxa de crescimento anual médio é 0,81% entre 2003 à 2007

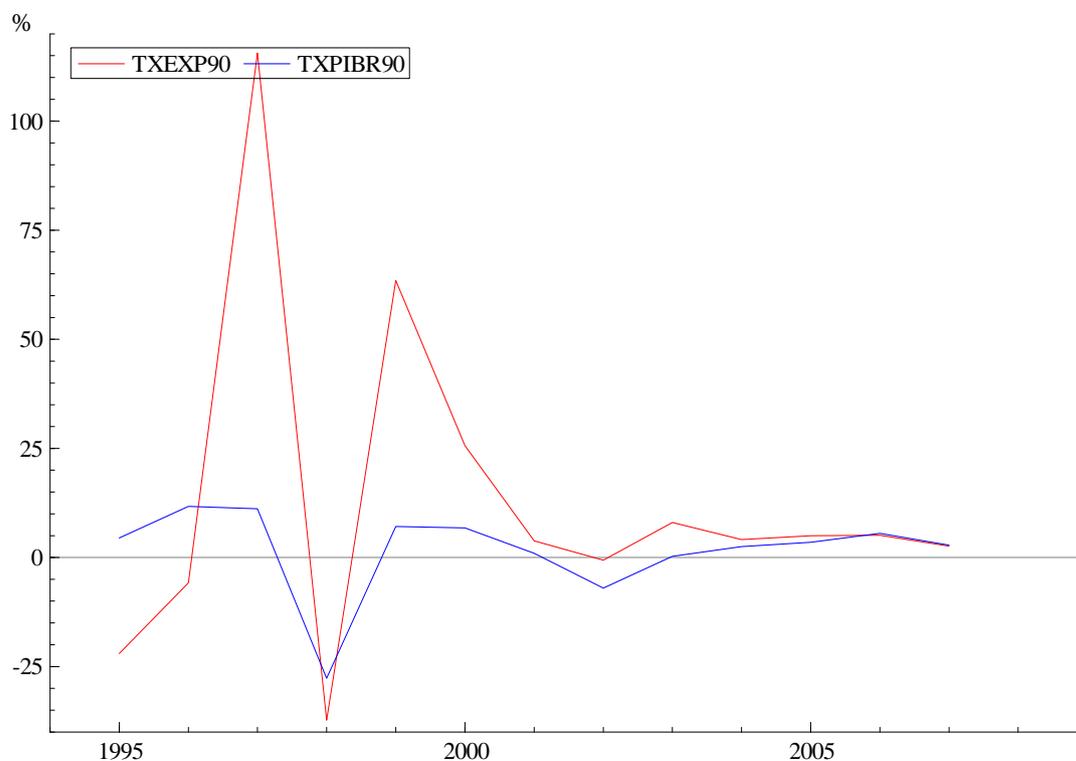
- O ano 2003 é ano com o registo de crescimento mínimo observado de 0,26%
- O ano 2006 é ano com o registo de crescimento máximo observado de 5,52%

Para que o nível de 97 fosse atingido em dez anos ou em 2007 bastava que o produto permanecesse constante de 97 até 2007

Também o CenárioA atingiria o nível de 97 mas já com a fasquia mais alta de 5% ano com início em 2002 como do resto já se demonstrou atrás.

Esta economia é fortemente dependente da exportação da castanha de caju, cujo ritmo de crescimento abrandou nos últimos tempos (ver Comercio Externo da Guiné – Bissau no Contributo) causado pelos preços da castanha e da apreciação do franco CFA face ao dólar Americano.

Gráfico 4: Relação nas taxas de crescimentos da Exportação real e PIB real



Como se pode ver, as exportações de caju provocam variações significativas no Produto. Tirando 1998, a taxa crescimento negativa mais marcante foi no ano 2002 com a variável exportação a cair 0,6%, o Investimento diminuiu 38% e o PIB real diminuiu face ao ano anterior 7%. O quadro seguinte dá uma perspectiva numérica de como o PIB foi influenciado nestes últimos anos, pela exportação e investimento bruto (TXEXP90, TXPIBR90).

	TXEXP90	TXPIBR90	TXFBC
1995	-22.00000	4.48816	2.56792
1996	-5.79997	11.70867	8.64783
1997	115.59999	11.18603	0.93554
1998	-37.30001	-27.68483	-34.53186
1999	63.50001	7.08658	13.11992
2000	25.60005	6.79439	5.00000
2001	3.79999	0.98197	8.48096
2002	-0.60001	-6.99562	-38.16976
2003	8.00001	0.26149	5.42196
2004	4.10001	2.49261	8.99524
2005	4.99999	3.50366	14.48801
2006	5.10000	5.52419	18.96970
2007	2.61843	2.83128	-7.78834

Nos últimos dez anos o acréscimo da Formação Bruta de Capital (Investimento) ou os acréscimos do stock de bens de capital duráveis que aumentam a possibilidade de produção futura, tem reagido a actividade económica do país. O fluxo do stock de capital está estreitamente ligado ao sector cajueiro.

No curto prazo afecta o Produto através do impacto na procura agregada e influencia o produto no longo prazo através da formação de capital sobre o produto potencial e a oferta agregada, portanto na promoção de crescimento económico no longo prazo. Podemos ver uma correlação positiva entre as taxas de crescimentos das três variáveis no quadro anterior.

No curto prazo as exportações anuais da castanha de caju além de dependerem do preço e da taxa de câmbio mas também do Investimento, nomeadamente o privado começa mostrar a sua importância. Há indícios que permitem afirmar que no curto prazo, o PIB real aumento em 0,4% para cada 1% adicional do

Investimento real. No longo prazo, uma variação no PIB real de 1% está associada a uma variação de 1,04% do investimento real, um impacto fraco se compararmos os registos normais de economias estáveis.

Daí que entre inúmeros factores que determinam o investimento privado, o crescimento económico dum país é um factor importante na análise de oportunidade empresarial.

Outro factor não menos importante na determinação do investimento são as expectativas e a confiança empresarial.

Ninguém investirá na Guiné Bissau havendo forte possibilidade de o país entrar numa guerra civil, eliminando garantias da defesa da propriedade privada.

Ninguém investirá no país se as instituições democráticas só funcionam na teoria e muitos outros factores de riscos podiam ser mencionados aqui na determinação do investimento. As empresas, numa análise racional e técnica despendem muito esforço a analisar os investimentos e tentar reduzir as incertezas sobre os seus investimentos. Os últimos acontecimentos na Guiné – Bissau terão efeitos na economia quer no curto prazo como no longo prazo tal como ainda se assiste o impacto dos acontecimentos de 1997/1998.

A economia não sofreria em termos de investimento se o país fosse produtor de petróleo à semelhança das histórias de países africanos produtores de petróleo com alto nível de fluxos de Investimento Directo Estrangeiro (IDE) mesmo quando estes estavam em guerra civil.

Outro factor, a somar tudo o que se falou atrás, é a crise financeira mundial da qual as exportações da Guiné – Bissau serão afectadas devido a crise nos países de consumo final do seu maior bem de exportação, a castanha de caju. Só com os dados de 2008 em diante será possível ter uma ideia o quanto foi afectado a economia da Guiné. Quanto tempo durará a crise? Ninguém sabe. Uma coisa é certa; as economias mal preparadas terão consequências maiores. Se a Guiné deixar de exportar a castanha de caju o que acontecerá? Qual será o novo bem de exportação com dimensão e importância económica da castanha de caju?

Com certeza os Guineense conhecem bem a engenharia de sobrevivência, vão superar largos períodos de penúria e se até lá não nos reconciliarmos mais mortes e ajustes de contas provavelmente ocorrerão.

Não acredito que se arranje solução milagrosa imediata que não o sofrimento desse povo e duelos rotineiros a que é submetido como se fosse única solução para o desenvolvimento do país. Senão vejamos: se o PIB real continuar a crescer com taxa média anual de 0,81%, nem no ano 2015 se atingirá o PIB real de 1997.

Os objectivos de crescimento económico previsto no DENARP (5% ano) com início de 2002 ficaram obsoletos. E os objectivos do NEPAD no que respeita ao crescimento económico real de 7% ao ano quando nem 1% em média a economia Guineense cresce desde 2003?

O Índice do Desenvolvimento Humano (IDH¹) mostra que a Guiné – Bissau se encontra na ante penúltima posição (175^a) num conjunto de 177 países. Classificado de país de Desenvolvimento Humano baixo só está a frente de Burkina Faso e de Serra Leoa, os últimos do ranking.

Pelo Índice da Pobreza Humana, é o 9º país mais pobre do mundo no conjunto de 108 países. No ranking decrescente está na posição 99.

Não vejo como a Guiné-Bissau possa cumprir em linhas gerais os objectivos e metas da Declaração do Milénio.

Leeds (Reino Unido), 20 de Abril de 09

Ussumane Seidi

Licenciado em Economia pelo ISEG

¹ Relatório do Desenvolvimento Humano 2007/2008 – PNUD

Quadro 1: Fonte Nações Unidas

	PIBR90	FBCF	EXP90	IMP90	BC
1970	129.66386	32.57351	7.58596	57.33688	-49.75092
1971	124.59276	27.42670	7.30083	57.96392	-50.66309
1972	132.53537	23.59954	7.95867	63.72591	-55.76724
1973	134.00638	19.27243	10.94195	64.63234	-53.69039
1974	140.11603	15.04694	9.66093	60.56284	-50.90191
1975	151.10898	14.31760	15.15050	45.85446	-30.70396
1976	158.57898	15.71384	12.64137	40.28078	-27.63941
1977	147.20876	18.14941	15.43027	39.99634	-24.56607
1978	166.53143	24.03484	14.03707	39.56807	-25.53099
1979	169.85231	29.75599	14.03707	40.43148	-26.39441
1980	142.75636	20.95562	17.38521	38.70937	-21.32417
1981	168.69167	17.49889	12.46021	35.99623	-23.53602
1982	175.77686	22.41652	11.15241	49.96192	-38.80951
1983	169.80344	21.74275	10.32664	47.91380	-37.58715
1984	185.27124	22.57771	9.99363	55.36827	-45.37464
1985	192.99054	25.92773	7.23687	56.97656	-49.73969
1986	191.45850	21.50532	7.20913	50.38931	-43.18018
1987	202.25969	25.69640	24.10869	72.94331	-48.83463
1988	216.21974	35.13033	22.83054	93.64960	-70.81906
1989	225.94490	32.77242	25.48465	89.77840	-64.29375
1990	233.40385	32.27975	28.00833	91.02766	-63.01932
1991	240.39815	32.70596	29.80817	92.65469	-62.84652
1992	241.54198	79.65952	8.77760	50.47258	-41.69498
1993	237.45239	52.45631	13.42428	37.85444	-24.43016
1994	240.73540	38.62831	26.61149	37.17305	-10.56156
1995	251.53999	39.62026	20.75696	34.57094	-13.81398
1996	280.99197	43.04655	19.55306	32.49670	-12.94363
1997	312.42383	43.44927	42.15640	42.14821	0.0081912
1998	225.92982	28.44543	26.43206	31.14751	-4.71545
1999	241.94051	32.17744	43.21642	39.55735	3.65906
2000	258.37891	33.78632	54.27984	53.67932	0.60052
2001	260.91611	36.65172	56.34247	51.85422	4.48825
2002	242.66341	22.66185	56.00441	44.33537	11.66904
2003	243.29794	23.89056	60.48476	40.78852	19.69624
2004	249.36243	26.03958	62.96465	43.72530	19.23935
2005	258.09924	29.81219	66.11288	47.00470	19.10818
2006	272.35715	35.46748	69.48463	51.70519	17.77944
2007	280.06833	32.70515	71.30404	51.10355	20.20049
2008
2009
2010
2011
2012
2013
2014
2015

PIB90 – Produto Interno Bruto valorizado ao preço de 1990

FBCF – Formação Bruta de Capital Fixa

EXP90 – Exportação ao preço de 1990

IMP90 – Importação ao preço de 1990

BC – Balança Comercial